

Maciej Pomorski

A categoria de tempo no crioulo de Cabo Verde na variedade santiaguense

Este artigo apresenta as características principais do sistema temporal do crioulo cabo-verdiano (CCV) na variedade da Ilha de Santiago. Começa-se por dar informações básicas sobre a história das Ilhas do Cabo Verde e sobre a língua cabo-verdiana. Em seguida descreve-se de maneira muito geral a situação linguística no arquipélago. No terceiro ponto apresenta-se a estrutura do verbo no crioulo cabo-verdiano. A secção quatro, que constitui a parte principal do artigo e está dividida em três partes, refere-se ao sistema temporal do CCV de Santiago, descrevendo nomeadamente as formas em que o verbo cabo-verdiano se refere ao presente, futuro e passado.

1. A origem do crioulo de Cabo Verde

As ilhas de Cabo Verde foram descobertas pelos navegadores europeus na segunda metade do século XV. Devido a condições geográficas pouco favoráveis à agricultura as ilhas nunca atraíram um grande número de colonos portugueses, os quais foram sempre inferiores em número aos africanos trazidos para as ilhas como escravos. Durante séculos, até à abolição da escravatura, o arquipélago cabo-verdiano funcionou como estação transitória para escravos, que depois de um período de estância nas ilhas, eram levados para as Antilhas ou para o Brasil. Uma parte dos escravos residia permanentemente em Cabo Verde e trabalhava na agricultura. Os escravos negros pertenciam a vários grupos étnicos (mandinga, jalofo,

fula e outros), nenhum destes ocupando uma posição dominante.

Não é possível investigar-se detalhadamente o desenvolvimento do crioulo cabo-verdiano antes do século XIX, visto ter sido então quase sempre usada a língua portuguesa na escrita. Porém, é certo que a emergência do crioulo cabo-verdiano resultou de processos linguísticos semelhantes aos que ocorreram em casos de outros crioulos. Estes processos surgiram da necessidade de os escravos, mediante a nova situação social com que se deparavam no arquipélago, comunicarem entre si e com os colonos brancos, na maior parte portugueses.

Numa primeira fase, as formas de comunicação empregues em situações em que os parceiros não pertenciam ao mesmo grupo étnico eram muito individuais. Não existia então quase nenhuma norma linguística que determinasse as formas usadas, para além das que eram indispensáveis para alcançar o objectivo duma comunicação básica. O importante era que os falantes se compreendessem em determinada situação. Esta forma de linguagem é chamada „pidgin instável” (Hilbrowicka-Weglarz 2003: 76). Cumpridas determinadas condições, o pidgin estabilizou-se. No processo de pidginização formaram-se regras gramaticais e fonéticas respeitadas pelos locutores e apareceram construções mais complexas, „pidgin estável”.

A situação social que no início contribuiu à formação do pidgin nas ilhas de Cabo Verde perdurou muito tempo. Como consequência natural destas condições apareceu uma comunidade cuja língua materna correspondia a uma nova fase do desenvolvimento do pidgin – o crioulo. Este termo refere-se às línguas que num primeiro estágio eram formas veiculares e que passaram posteriormente a ser a língua materna de um conjunto de pessoas.

O pidgin segundo Samarin não pode ser considerado uma língua natural¹ (cit. por Manessy 1995: 21) porque é utilizado apenas na troca de informações cuja matéria está condicionada pela situação. O crioulo porém tem de cumprir todas as funções de uma língua

¹ Samarin, W.J. (1970), *Lingua francas in the World* (in: Fisherman J.A. (ed.) *Readings in the Sociology of Languages*, Paris-Den Haag.

materna, o que significa, que ele está sujeito a um processo de transformação no qual aparecem regras mais complexas e formas de expressão linguística mais diversificadas. Neste processo chamado creolização aparecem com frequência formas novas que não podem ser consideradas como procedentes de alguma das línguas de base do crioulo.

Foi precisamente isto o que aconteceu no caso do crioulo cabo-verdiano. É facto indiscutível este basear-se na língua portuguesa. Estima-se que cerca de 80% do léxico cabo-verdiano procede do português, adaptado ao sistema fonético crioulo (Campo 2000: 19). Termos africanos aparecem sobretudo em áreas lexicais onde a língua portuguesa não possui meios para exprimir elementos estranhos à realidade de Portugal continental, como é o caso do léxico que designa a flora e a fauna local.

Mesmo assim, o crioulo de Cabo Verde não pode ser considerado uma forma simplificada do português. Pois embora seja verdade que muitas desinências flexionais existentes no português tenham desaparecido do cabo-verdiano, surgiram em contrapartida estruturas diferentes, muitas vezes análogas às que podem ser encontradas em línguas africanas dos grupos atlântico-ocidental e mandé, faladas pelos escravos levados para as ilhas de Cabo Verde.

2. A situação linguística em Cabo Verde

O português é a língua oficial de Cabo Verde, sendo usada na administração pública, nos meios de comunicação social, na educação escolar e em todas situações oficiais. Porém, o crioulo cabo-verdiano é a língua materna de quase toda a população e falada em situações quotidianas. A maior parte das crianças aprende o português só na escola primária. O crioulo ainda não está estandardizado, ainda que haja iniciativas que intentam levar à futura oficialização do cabo-verdiano (adopção do alfabeto estandardizado ALUPEC para um período experimental de 5 anos, projectos linguísticos). A situação linguística no Cabo Verde pode ser designada com o termo de

diglossia, pois que os dois idiomas, tendo uma posição estável na sociedade, são usados em situações de comunicação diferentes, o que resulta da falta duma variante estandarizada e escrita do crioulo e do grande prestígio do português, que desde sempre tem sido usado no arquipélago em situações oficiais.²

Evidentemente isso não quer dizer que o português e o crioulo permanecem em isolamento mútuo. O facto das mesmas pessoas falarem conforme a situação quer português quer crioulo resulta em interferências nas ambas línguas, já que só poucos são capazes de separá-las totalmente uma da outra. A maior parte dos falantes não consegue evitar que as duas línguas usadas por eles se influenciem mutuamente. A intensidade desta influência depende do grau do domínio destas línguas, das aptidões linguísticas do falante e da sua formação. Há pessoas que não são capazes de separar as duas variantes (*code-mixers*). Por isso o português utilizado no arquipélago é frequentemente influenciado pelo crioulo (sobretudo na comunicação oral), assim como o crioulo não pode escapar à influência do português.

O facto de o português e o crioulo se influenciarem mutuamente está ligado à sua proximidade mútua, particularmente a nível do léxico. As palavras e as expressões portuguesas têm entrado no crioulo desde a época dos Descobrimentos. O português continua a principal fonte de terminologia, quando o crioulo é utilizado além da comunicação privada, o que hoje em dia não é tão raro como antes.³

Segundo Veiga (2000: 43) em Cabo Verde existe só um crioulo que tem as suas variedades dialectais em várias ilhas. Estas variedades dividem-se em dois grupos: os dialectos das ilhas localizadas no sul

² Uma situação linguística semelhante pode ser encontrada também em Europa, por exemplo no sul da Alemanha.

³ Veja-se, por exemplo, o fragmento duma intervenção dum deputado do Partido Africano da Independência de Cabo Verde no Parlamento: *Nu ta atxa ma privatizason ka debi so rezumi na fazi privatizason o ka fazi privatizason. Nu tem ki sabi izamentu kuze ki nu ta privatiza, modi ki nu ta privatiza-l-y ku ki objetivu ki nu ta privatiza. Y Guvernu atual di Kabu Verdi ta aprezenia si vizon, ideias ki e tem klaru sobri prusesu di privatizason.* Fonte: www.patcv.org

do arquipélago (Sotaventto) e das ilhas situadas no norte (Barlavento). O crioulo de Barlavento está mais próximo do português europeu pela colonização destas ilhas mais recente. Os dialectos de Sotaventto e de Barlavento são mutuamente inteligíveis. O dialecto da Ilha de Santiago, que faz parte dos dialectos de Sotaventto é a variedade com mais prestígio, por ser a língua falada na capital (Praia). A maior parte da literatura crioula tem sido publicada neste dialecto. A futura língua oficial de Cabo Verde basear-se-á provavelmente no crioulo do Santiago (Campo 2000: 21). Destaca-se pelo seu carácter conservador por uma influência bem marcada das línguas africanas. O presente artigo trata dessa variedade, ainda que uma grande parte das afirmações sobre o sistema verbal também se aplique aos dialectos de Barlavento, que diferem do crioulo de Santiago mais na área da estrutura de superfície do que na estrutura gramatical. (Veiga 2000:43).

3. O verbo no crioulo de Santiago

No crioulo cabo-verdiano encontramos uma flexão de verbos reduzida em comparação com a língua portuguesa. As categorias verbais do número e da pessoa são indicadas apenas pelos pronomes, cuja presença é obrigatória na primeira e na segunda pessoa (Veiga 2000: 187)

Port.	CCV (crioulo santiaguense)
<i>eu comi</i>	<i>N kume</i>
<i>tu comeste</i>	<i>bu kume</i>
<i>ele comeu</i>	<i>el kume</i>
<i>nós comemos</i>	<i>nu kume</i>
<i>vocês comeram</i>	<i>nhos kume</i>
<i>eles comeram</i>	<i>es kume</i>

O radical do verbo pode cumprir a função do predicado quer só (como no exemplo: *kume*), quer junto com morfemas que o precedem:

ta kume
sa ta kume
al sa ta kume

Estes morfemas, chamados por Manuel Veiga *actualizadores verbais* (Veiga 2003: 97), podem indicar o modo e o aspecto do verbo. A sua ordem é fixa, como em muitas línguas crioulas. Não pode então aparecer a forma **ta sa kume*.⁴

Ao verbo podem ser aglutinados apenas um destes sufixos. O sufixo radical verbal pode ser aglutinado apenas um destes morfemas indica a *-da* é uma fusão de *-du* e *-ba*. O primeiro destes morfemas indica a categoria da voz, o segundo a do tempo relativo. A sua presença provoca a deslocação do acento no verbo (Lang 1993: 140): *kume* → *kuméba*.

4. A expressão do tempo no crioulo de Santiago

O crioulo de Santiago dispõe de uma abundância de meios para exprimir o aspecto verbal. Quanto ao tempo verbal, muitos crioulistas são da opinião que esta categoria verbal não é expressa de maneira específica com recursos gramaticais (Lang 1993: 141). O tempo pode ser indicado com meios lexicais, resulta do aspecto verbal, ou seja, do contexto. O cabo-verdiano tem um sufixo para marcar o tempo (*-ba*), mas a categoria assim marcada difere consideravelmente do conceito do tempo conhecido em português ou em outras línguas românicas. Trata-se não do tempo absoluto, que indica o tempo do evento ou

⁴ O morfema *dja* também é considerado por Manuel Veiga um atualizador verbal (conf. Veiga 2000: 198). Marlyse Batista acha que *dja* pode cumprir, segundo o contexto, a função de um advérbio ou de um atualizador (TMA-marker) que marca a perfectividade (Batista 2002: 84). Juergen Lang no seu estudo sobre o sistema verbal do CCV não inclui *dja* na lista dos atualizadores verbais, considerando-o implicitamente um advérbio (Lang 1993: 139). De facto, a posição de *dja* na frase não é tão rígida como no caso dos atualizadores *al*, *sa* e *ta*, que só aparecem junto ao verbo.

processo em relação ao tempo da narração, mas do tempo relativo, que determina a posição do evento no eixo do tempo em relação a um ponto de referência que não é necessariamente o tempo de narração (conf. Baptista 2002: 75, Lang 1993: 141). No caso do tempo relativo, pode-se falar de anterioridade, simultaneidade e posterioridade, face às modalidades do tempo absoluto, passado, presente e futuro. Esta categoria também pode ser expressa no CCV de Santiago, mas com outros meios do que em português, onde os tempos gramaticais correspondem em grande parte com as modalidades do tempo absoluto.

4.1 A expressão do presente

O presente, ou seja, a simultaneidade dos acontecimentos narrados com o momento da narração, pode manifestar-se no CCV em várias formas verbais. No CCV observa-se uma distinção entre os verbos que denotam acções (verbos não-estativos), por exemplo *papia* (falar), *bai* (ir), *kume* (comer) e os que denotam estados (verbos estativos), por exemplo *ten* (ter), *sabe* (saber), *kre* (querer) (Lang 1993: 147; Baptista 2002: 176). A forma usada com frequência para exprimir o presente dos verbos não-estativos é o radical verbal directamente precedido do atualizador *ta*, que marca o presente actual (1) ou o presente habitual (2):

- (1) *Nu ta proveta pa nu sauda tudu ubintis di Radio Festa.* (Radio Comercial Cabo Verde, 22.04.2004)
 Port.: Aproveitamos para saudar todos os ouvintes da Radio Festa.

- (2) *Mas nha fidius tudu ta papia ku el.* (Baptista 2002: 77)
 Port.: Mas todos os meus filhos falam com ele.

O morfema *ta* ocorre também em frases que são actuais, não dependendo do tempo da enunciação:

- (3) *Na muijer ka ta kunfĩadu!* (Silva 1987: 36⁵, 24-25 em: Lang 1993: 144)
Port.: Não se pode confiar na mulher!

Na última frase ocorre também o sufixo *-du* que marca a voz passiva.

A função essencial do actualizador *ta* não consiste porém em marcar o tempo presente. O morfema *ta* indica sobre tudo o aspecto imperfeito do verbo. Então, o radical verbal precedido de *ta* exprime acções não acabadas que decorrem no presente.

Em caso dos verbos estativos, não é preciso indicar o aspecto perfectivo ou imperfeito (estes verbos têm em geral o carácter imperfeito). Assim, o tempo presente é expresso com frequência pelo radical verbal que aparece sem actualizador:

- (4) *N ka sabe kuze ki tene-m duenti* (Baptista 2002: 76)
Port.: Não sei o que é que me faz doente.

Mesmo assim, o actualizador *ta* pode por vezes aparecer nalguns verbos estativos:

- (5) *N ka ta kridia ma el e kappas di fase-m es kusal!* (Silva 1987: 33, 23-24 em: Lang 1993: 148)
Port.: Não acredito que ele é capaz de fazer-me essa coisa!

Segundo Jürgen Lang (1993: 148) a presença de *ta* nestes verbos não é então impossível, mas é simplesmente supérflua. Em verbos não-estativos, a forma que consiste do radical verbal precedido de *ta* pode ser mais especificada com o actualizador *sa* que sempre aparece antes deste morfema:

⁵ Silva, T.V. da (1987) (ed.): *Na bõka noti; Vulumí I*, Praia. Os exemplos foram adoptados à escrita do ALUPEC.

- (6) *N sta prokpadu ku bu duensa ki ka sa ta passa.* (Silva 1987: 36, 9-10 em: Lang 1993: 151)
Port. Fico preocupado com a tua doença que não passa.

Esta forma exprime valor aspectual de “durativo” (segundo Lang 1993: 150) ou “progressivo” (Baptista 2002: 81⁶, Veiga 2000: 210). Se ao radical verbal não é agregado o sufixo *-ba*, esta forma verbal refere-se com frequência aos processos e acontecimentos que decorrem no momento da enunciação (tempo presente).

4.2 A expressão do futuro

No sistema verbal do crioulo cabo-verdiano não se encontram meios morfológicos específicos para exprimir o futuro. Essa categoria é expressa no caso dos verbos não-estativos pela mesma forma que é usada com frequência para marcar o presente – o radical verbal precedido pelo actualizador *ta*.

- (7) *Bon, si nha kre, N ta fase-nha seta.* (Silva 1987: 33, 25-30 em: Lang 1993: 145)
Port. Bem, se você quiser, eu vou fazer-lhe uma receita.

A situação em que as formas presentes servem também para indicar o futuro é frequente em várias línguas. No finlandês o futuro é sempre expresso pelas mesmas formas verbais que o presente. Também na maior parte das línguas indo-europeias, sobretudo na linguagem oral, as formas presentes podem substituir as formas do futuro.

⁶ Baptista refere-se só à forma *sta*, que segundo ele desempenha duas funções: 1. verbo copulativo, 2. actualizador verbal indicando o aspecto progressivo. No segundo caso, *sta* é provavelmente uma variante fonética de *sa ta*.

É interessante o facto de o crioulo cabo-verdiano exprimir o futuro com o actualizador *ta*, o qual ao mesmo tempo indica o aspecto imperfectivo do verbo. Lang explica este facto da seguinte maneira: No sistema aspectual do crioulo cabo-verdiano, como em línguas eslavas, o aspecto perfectivo ou imperfectivo do verbo depende da acção ser acabada ou não (1993: 143). As acções futuras, segundo Lang, não podem ser acabadas porque ainda não tiveram lugar (1993: 144). Porém, pelo menos em algumas línguas eslavas, os verbos no futuro podem ser quer imperfectivos, quer perfectivos. A perfectividade neste caso não implica que a acção tenha sido acabada, mas só que é tratada como acabada na perspectiva do locutor. No entanto, parece que no CCV as acções futuras perfectivas são tratadas pelos locutores como imperfectivas, como no exemplo (7).

4.3 A expressão do passado

Como já vimos no parágrafo precedente, a forma perfectiva do verbo no CCV de Santiago não se pode referir ao futuro. É também evidente que esta forma não é compatível com o presente, já que as acções e estados presentes são em geral imperfectivos. Não estranha então, que o passado no CCV de Santiago se encontre fortemente ligado ao aspecto perfectivo do verbo. Assim, o radical verbal que aparece sem actualizador imperfectivo, sendo então perfectivo, é a forma usada geralmente para se referir aos acontecimentos passados no caso dos verbos activos (Baptista 2002: 75). Esta é a forma gramatical principal encontrada na narração literária, como o pretérito perfeito simples em português (Lang 1993: 145). O exemplo seguinte provém da antologia de contos cabo-verdianos *Na bóka noit*:

- (8) *Un bes, un omi di lonji ba casa di un mudjer, si konxedu di ténpu bedju. Mudjer resebe-l ben resebedu, gazaie-l ben gazajadu: da-l kafé ku kuskus ku óbu streladu, mas katchupa d' omi gizadu.* (Silva 1987: 55, 1-3 em: Lang 1993: 146)

Port.: Um homem, que vinha de longe, foi uma vez à casa de uma mulher, sua conhecida doutros tempos. A mulher recebeu-o e agradeceu-lhe bem: deu-lhe cuscuz com ovos estrelados com catchupa estrelada da véspera.

Em verbos estativos, cujo radical que aparece sem actualizador exprime geralmente o presente, o passado é marcado pelo sufixo *-ba* ou por uma forma irregular - por exemplo *éira* (*ser*) (Lang 1993: 154; Baptista 2002: 83)

- (9) *Éira un bes un ómi ku si mudjer. Es tenba tres fíjju.* (Silva 1987: 27, 1-3 em: Lang 1992: 154)
Port.: Era uma vez um homem e a sua mulher. Tinham três filhos.

Mesmo assim, o sufixo *-ba* aparece também em verbos que denotam uma acção. Neste caso, exprime a anterioridade a outros eventos narrados (tempo relativo), como o pretérito mais-que-perfeito português:

- (10) *Mas e lenbra di kusa ki saibu flaba-el, e pazigua.* (Silva 1987: 34, 4-5; Lang 1992: 153)
Port.: Mas ela lembrou-se do que o curandeiro lhe tinha dito, e tranquilizou-se.

A etimologia do sufixo *-ba* não é clara. Segundo alguns linguistas, este procede do sufixo *-va* da língua portuguesa. Mesmo assim, é possível que *-ba* é originado das línguas africanas do grupo mandé (mandiaco, bambara, mandinga, diola), onde morfemas semelhantes (*ba, ban, ka ban*) marcam o aspecto perfectivo (Peck 1988: 331, segundo Baptista 2002: 83). Peck argumenta que do ponto de vista semântico o *-ba* cabo-verdiano é muito mais similar a estes morfemas do que ao sufixo português que marca a imperfectividade. Porém, é

possível que ambos factores tenham contribuído à emergência do sufixo cabo-verdiano *-ba* (Peck, op.cit.).

5. Conclusões

Os estudos linguísticos realizados nos últimos 25 anos mostraram que o sistema verbal do CCV tem características próprias que o distinguem das línguas românicas europeias e do latim, cuja gramática tem servido durante séculos para a descrição das categorias verbais destes idiomas. Em consequência, a terminologia tradicional usada para referir-se às formas verbais do crioulo não é adequada ao seu sistema verbal e pode levar a mal-entendidos graves.

No CCV, o aspecto é a categoria principal que se reflecte de forma consequente na morfologia. Como vimos neste artigo, as formas com um determinado aspecto podem exprimir com frequência o tempo. O único morfema cuja função é exclusivamente temporal (*-ba*) serve sobre tudo para exprimir a anterioridade e não o tempo absoluto. A categoria do tempo, tendo poucos recursos morfológicos, pode então ser considerada como secundária perante a categoria do aspecto.

Bibliografia

- Baptista, M. (2002): *The Syntax of Cape Verdean Creole – The Sotavento Varieties*, Amsterdam-Philadelphia.
- Bartens, A. (1995): *Die iberoromanisch basierten Kreolsprachen*, Frankfurt am Main.
- Campo, J.L. (2000): *Portugiesisch-basierte Kreolsprachen in West-afrika und Ostasien – ein Überblick*, Rostock.
- Hilbrowicka-Węglarz (2003): *Os processos de formação dos pidgins e dos crioulos*, (em:) „Lubelskie Materiały Neofilologiczne”, Lublin.
- Lang, J., (1993): *Das Verbalssystem des kapverdischen Kreols (Variante von Santiago)*, (em:) Perle, M. et al. (red.), *Portugiesisch-basierte Kreolsprachen*, Frankfurt am Main.

Manessy, G. (1995): *Créoles, pidgins, variétés véhiculaires – Procès et genèse*, Paris.

Veiga, M. (2000): *Le créole du Cap-Vert – Étude grammaticale descriptive et contrastive*, Paris-Praia.

Veiga, M. (2003): *O caboverdiano em 45 lições*, Praia.